

**DUPLA EXCEPCIONALIDADE EM FOCO:
surdocegueira e altas habilidades ou superdotação na perspectiva narrativa**

**EXCEPTIONAL DOUBLE DISABILITY IN FOCUS:
deafblindness and high abilities or giftedness from a narrative perspective**

João Paulo Navega Roque¹
Elaine Gomes Vilela²

RESUMO

O presente trabalho, que surge das experiências vivenciadas no Grupo de Pesquisa em Inclusão e Comunicação Social Háptica (GEPICSH), mostra uma visão da dupla excepcionalidade, partindo do viés da pesquisa narrativa, cujo objetivo foi analisar as narrativas de um surdocego que apresenta indicadores para um perfil de altas habilidades ou superdotação (AHSD) relacionada às questões motoras. Parte-se das definições apresentadas nas pesquisas mais atuais referentes à dupla excepcionalidade, tema que tem ganhado visibilidade no meio acadêmico, principalmente o meio educacional. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, partindo-se das narrativas apresentadas pelo surdocego acompanhado durante a presente pesquisa, e a identificação do perfil de AHSD, no que refere a manipulação da madeira e na criação de réplicas de objetos, nunca vistos pelo surdocego, mas que foram reproduzidos nos mais precisos detalhes. O *corpus* do trabalho foi desenvolvido baseado em narrativas realizadas pelo próprio surdocego, na realização de um de seus trabalhos. A partir da experiência do participante, foi possível identificar características que confirmavam o perfil de AHSD, em concomitância com a surdocegueira. Dessa forma, foi possível identificar a relevância de se realizar um debate maior a respeito dos aspectos do tema aqui levantado, visto que existem poucos trabalhos abordando o tema com o objetivo de verdadeiramente desmitificar os mitos e as inverdades que o cercam.

Palavras-chave: Surdocego e AHSD; Dupla excepcionalidade e pesquisa narrativa; Altas habilidades ou superdotação.

ABSTRACT

This paper, which arises from the experiences of the Research Group on Inclusion and Haptic Social Communication (GEPICSH), presents a view of dual exceptionality based on narrative research, whose objective was to analyze the narratives of a deafblind person who shows indicators of a profile of high abilities or giftedness (AHSD) related to motor issues. It starts from the definitions presented in the most current research on dual exceptionality, a topic that has gained visibility in academic circles, especially in education. A qualitative approach was used, based on the narratives presented by the deafblind person accompanied during the present research, and the identification of the AHSD profile, with regard to the manipulation of wood and the creation of replicas of objects never seen by the deafblind person, but which

¹ Professor Especialista em Neurociências e Educação, Altas Habilidades ou Superdotação, Neuropsicopedagogia, Mestrando em Educação pela UMESP. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4977-217X>. e-mail: joagavenasigna@gmail.com.

² Professora Doutora em Educação pela UMESP, Mestre em Educação pela UMESP. Atualmente professora titular no Programa de Pós-graduação em educação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). e-mail: elaine.vilela1@metodista.br.

were reproduced in the most precise details. The corpus of the work was developed based on narratives made by the deafblind person himself while carrying out one of his works. Based on the participant's experience, it was possible to identify characteristics that confirmed the profile of AHSD, in conjunction with deafblindness. Thus, it was possible to identify the relevance of holding a broader debate on the aspects of the topic raised here, since there are few studies addressing the topic with the aim of truly demystifying the myths and untruths that surround it.

Keywords: Deafblindness and AHSD; Dual exceptionality and narrative research; High abilities or giftedness.

1. INTRODUÇÃO

O termo dupla excepcionalidade ainda é pouco comum tanto da comunidade educacional, quanto dentro da neuropsicologia. Falar sobre este tema é entrar em campos pouco explorados, contudo, desvendar esses campos é papel da ciência.

O presente artigo, baseado na metodologia da pesquisa narrativa, tem por objetivo analisar as narrativas de um surdocego, que apresenta habilidades excepcionais na manipulação e no trabalho com a madeira.

A narrativa nos permite lançar um novo olhar para um determinado acontecimento e traçar paralelos sobre este e as referências presentes na literatura. Entendemos que a narrativa não se desvencilha da nossa vida. O pesquisador e o ser humano são os mesmos e coabitam em um mesmo espaço. A nossa experiência de vida tem forte influência nos caminhos e direcionamentos da nossa pesquisa. Não é possível separar um do outro, as narrativas se entrelaçam e se completam (Clanidinin; Connelly, 2015 *apud* Vilela, 2023).

Para tratar do tema, será necessário que mergulhemos nos conceitos de surdocegueira, altas habilidades ou superdotação (AHSD) e a dupla excepcionalidade (DE). Conceitos estes que ainda se mostram nebulosos, e que muitas vezes são mal compreendidos.

Ao se tratar do tema AHSD, faz-se necessário estabelecer uma linha referencial para entendermos melhor o contexto. Trataremos aqui, para conceituar o termo, com o Modelo dos Três Anéis (Renzulli, 1978), perpassando pelo Modelo Diferencial de Dotação e Talento de Gagné (2004, 2005). Ambos os modelos teóricos serão utilizados para o entendimento do conceito de AHSD aqui utilizado.

O conceito de surdocegueira, por sua vez, será baseado nos trabalhos de Vilela (2018, 2022). A surdocegueira, escrita dessa forma, é uma única deficiência com duas perdas sensoriais, não se caracterizando como uma deficiência múltipla. O conceito será mais bem detalhado no decorrer do texto.

No que tange ao conceito de dupla excepcionalidade, é conceito que ainda é uma novidade para muitos. Entende-se por dupla excepcionalidade uma habilidade acima da média coocorrendo com um transtorno do neurodesenvolvimento e/ou uma deficiência.

Tendo por base o entendimento de cada um desses conceitos, o objetivo central do presente trabalho é entender: “Quais indicadores do perfil de altas habilidades ou superdotação emergem das narrativas de uma pessoa com surdocegueira?”.

2. A PESQUISA NARRATIVA COMO CERNE DA EXPERIÊNCIA HUMANA

O presente artigo é construído a partir da perspectiva da pesquisa qualitativa em caráter exploratório com o uso da metodologia da pesquisa narrativa defendida por Clandinin e Connely (2015), em que a experiência dos pesquisadores e dos participantes é compartilhada no intuito de agregar conhecimento a partir dos acontecimentos reais da vida. Como relata Ferreira Neto nessa perspectiva:

Assim, o acontecer da pesquisa não somente modifica o que pensa o pesquisador, como também, ao analisar o caráter e as correlações de seu objeto, em seus eixos de saberes, poderes e subjetivações, configura-o como entidade contingencialmente produzida e passível de ser transformada. A pesquisa torna-se um potencial instrumento de mudança de certo estado de coisas e instaurador de novas realidades (Ferreira Neto, 2015, p. 415).

A contribuição do autor nos auxilia no entendimento da importância de realizar mudanças e alterar realidades a partir das experiências humanas: nossas experiências enquanto pesquisadores e as experiências dos participantes compartilhadas. A partir de Clandinin e Connolly (2015) compreendemos seu cerne da pesquisa narrativa que é

[...] uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares [...]. Um pesquisador entra nessa matriz durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas as perspectivas: individual e social. Simplesmente estabelecido, [...] pesquisa narrativa são histórias vividas e contadas. (Clandinin; Connolly, 2015, p. 51).

Nessa perspectiva contaremos aqui a experiência de uma pessoa com dupla excepcionalidade, relatando nosso contato com ela em contextos individuais e sociais. Usaremos aqui nomes fictícios para que sua identidade seja preservada e que sua experiência seja evidenciada. O fenômeno pesquisado conta com o fato de um jovem surdocego possuir

altas habilidades/superdotação na área de marcenaria por meios convencionais, ele constrói objetos a partir do toque pelo tato, dimensionando a proporcionalidade deles.

Ao nos deparar com esse cenário questionamos: O que emerge da pessoa com surdocegueira ao refletir sobre as formas de organizar o material (madeira) e construir os objetos?

3. ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO

Atualmente, a caracterização da pessoa com AHSD perpassa por modelos teóricos que levam em consideração fatores que vão para além do QI. O principal modelo teórico utilizado e que demonstra maior aceitação é o Modelo dos Três Anéis, cunhado por Joseph Renzuli, em 1978, e que vem sendo estudado pelo próprio propositor do modelo e que conta com a proposição de um Modelo Triádico de Enriquecimento Curricular.

Para Renzuli (1978, 1998), o indivíduo com AHSD apresenta três anéis de desenvolvimento, e a intersecção desses três anéis apontaria para a existência de uma pessoa com AHSD. Os anéis descritos pelo autor são: habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade.

Segundo Pérez (2012), a habilidade acima da média se refere a habilidades que se mostram acima da média esperada quando o indivíduo é comparado com seus pares. Sendo assim, a pessoa que possui esse anel desenvolvido é um destaque em uma determinada área, dentro do seu ambiente de convivência social e para além dele.

O comprometimento com a tarefa denota aquele indivíduo que, além de apresentar uma habilidade acima da média em uma determinada área, demonstra comprometimento com os estudos relacionados a essa área, sempre em busca de novos desafios. Apresenta uma curiosidade aguçada, é questionador, busca entender o porquê das coisas.

O anel da criatividade é, atualmente, o anel mais complexo de ser identificado, pois não temos variabilidade de instrumentos para medir esse constructo. Entretanto, é uma característica bem latente no indivíduo com AHSD, principalmente quando ele é do tipo produtivo-criativo.

Outro modelo muito utilizado no Brasil é o Modelo Diferencial de Dotação e Talento proposto por François Gagné e difundido no nosso território pela Professora Doutora Zenita Guenther, professora aposentada da Universidade Federal de Lavras e fundadora do Centro para Desenvolvimento de Potencial e Talento (1993), CEDET.

O modelo de Gagné (2004, 2005) se divide em cinco componentes. São eles: dotação, talento, processo de desenvolvimento, catalisadores intrapessoais e catalisadores ambientais. Desses componentes, focaremos na definição dos dois primeiros.

Segundo Gagné e Guenther (2012), a dotação está relacionada às capacidades naturais do indivíduo. É aquilo que já nasce com o indivíduo, mas que não garante o desenvolvimento do talento.

Capacidades naturais podem ser observadas nas tarefas que uma criança enfrenta desde cedo na vida, em casa ou no trabalho escolar. Imagine, por exemplo, a capacidade intelectual necessária para aprender a ler, a falar uma língua estrangeira, ou a compreender conceitos matemáticos; a capacidade criativa envolvida em escrever uma história, compor uma canção, desenhar um cartaz comunicativo, ou brincar com blocos de “lego”; as habilidades sociais necessárias às interações diárias com colegas, professores e familiares; a gama de capacidades naturais físicas e perceptuais necessárias para atividades no pátio escolar, com brinquedos e esportes, nas artes, dança, escultura, trabalhos manuais... (Gagné; Guenther, 2012, p. 23-24).

Já o talento está relacionado ao desenvolvimento das capacidades naturais apresentadas pelos autores. O talento é dependente dos processos desenvolvimentais e sofre influência dos catalisadores intrapessoais e ambientais. O talento é o desenvolvimento da dotação (Gagné, 2009).

4. SURDOCEGUEIRA

A surdocegueira é uma deficiência na qual há a perda de dois sentidos sensoriais: a visão e a audição. Entende-se como pessoa surdocega, a pessoa que possui, em algum grau, perdas auditivas e visuais. O conceito, além de representar uma deficiência única, carrega também todo um valor socioantropológico, que não será foco deste trabalho. A surdocegueira pode apresentar as mais diversas formas e apresenta diversas formas de comunicação.

A surdocegueira é caracterizada pela ausência parcial ou total concomitante dos sentidos sensoriais auditivos e visuais. Algumas pessoas arrazoam que devido a essa junção de perdas sensoriais, a surdocegueira é uma deficiência múltipla, outras ainda, consideram que são duas deficiências separadas. Muitas são as conceituações envolvidas nesse tema. (Vilela, 2023, p. 68).

O relato da autora nos permite entender que, quando refletimos sobre a surdocegueira, estamos evidenciando uma deficiência que afeta dois sentidos ao mesmo tempo. É importante ressaltar essa questão, pois ainda há muitas dúvidas quanto à sua definição.

O termo surdocegueira refere-se à combinação dos comprometimentos sensoriais auditivo e visual, em diferentes graus, na mesma pessoa, com implicações no

processo de aquisição ou aprendizagem linguística. A presença da surdocegueira impede ou limita o acesso à informação auditiva e visual, altera os processos de interação social e modifica a orientação e mobilidade da pessoa nos espaços sociais. [...] (Cader-Nascimento 2021, p. 25).

As pessoas com surdocegueira necessitam de formas de comunicação específicas que devem ser pensadas e utilizadas de acordo com a necessidade de cada surdocego, cada um tem sua própria forma de comunicação e cabe àqueles que os atendem entender qual é a forma mais eficaz para cada indivíduo.

A pessoa com surdocegueira tem como porta de entrada comunicacional predominante o tato. Independente da forma de comunicação utilizada, o tato se torna o principal meio de comunicação desses indivíduos. O tato se torna a forma pela qual o surdocego ressignifica o mundo e dessa forma se faz presente nele.

Embora as definições sugiram padrões para compreensão da surdocegueira, o que se observa na literatura científica é que não há um perfil único desses indivíduos, uma vez que a combinação de diferentes condições e fatores das deficiências não permite traçar determinantes quanto a seu desenvolvimento e suas especificidades. Isso pode ser explicado uma vez que surdocegos podem apresentar visão suficiente para se deslocar em diferentes espaços, reconhecer pessoas e até mesmo compreender a língua de sinais a uma curta distância, bem como utilizar a escrita ampliada e ter prática de leitura (Campos, 2021, p. 164).

Por se tratar de uma deficiência que acomete dois sentidos simultaneamente, o perfil cognitivo do surdocego tende a sofrer influência de diversos fatores, sendo eles: a forma como a surdocegueira surgiu, qual deficiência se instalou primeiro, se é congênita ou adquirida, a forma de comunicação utilizada, entre outros.

O protagonista desta pesquisa se configura como uma pessoa com surdocegueira congênita ou pré-linguística, pois não adquiriu a habilidade comunicativa antes da condição da perda sensorial dupla. Nasceu surdo e tornou-se surdocego aos cinco anos de idade sem obter nesse período acesso à comunicação e ao desenvolvimento de uma língua, ocasionando prejuízos severos no desenvolvimento relacional e comportamental.

Aos dez anos de idade teve a oportunidade de frequentar uma escola especializada onde desenvolveu, de maneira fluida, a comunicação com a Libras tátil, abrindo assim possibilidades de interação social e contato com o mundo. Formou-se no Ensino Médio com vinte e um anos de idade.

Atualmente é um jovem de 28 anos com uma rotina ativa de trabalho com madeira, interação com pessoas, passeios, viagens e muitos sonhos de cursar uma faculdade onde aprenda mais sobre o manejo da madeira. Além da Libras tátil, utiliza a comunicação social

háptica, que se configura por uma forma sinestésica de recebimento de informações por meio do toque no corpo.

5. COMUNICAÇÃO SOCIAL HÁPTICA E A LIBRAS TÁTIL

Quando falamos de Comunicação Social Háptica (CSH) e de Libras Tátil (LT) como meios de comunicação da pessoa com surdocegueira, começamos a nos perguntar como esta comunicação é possível e como se dá o desenvolvimento da linguagem desses indivíduos.

Jorge, o caso aqui estudado, pode ser considerado um surdocego congênito e pré-linguístico (Vilela 2018; 2022), pois nasceu surdo, mas adquiriu a cegueira antes da aquisição de linguagem. Sabemos que a linguagem é um constructo fundamental para o desenvolvimento da cognição como um todo.

Ao se falar de uma comunicação tátil, Roque e Azevedo (2025) levantam a possibilidade de uma língua que tenha como modo de recepção o tato. Os autores traçam um paralelo entre a CSH, a Libras e o português demonstrando a estrutura fonológica da CSH. Atualmente, no Brasil, a CSH é utilizada como complemento da LT (Canuto *et al.*, 2019). Todavia, a perspectiva apresentada por Vilela (2022) nos convida a ter um olhar para a CSH enquanto língua.

Vasconcelos, Roque e Silva (2025) apresentam um estudo de caso em que analisam uma narrativa construída única e exclusivamente através do tato, o que demonstra a potencialidade de CSH enquanto língua. Os autores propõem uma nova nomenclatura para a CSH, denominando-a como Língua Social Háptica (LSH).

Percebemos que as potencialidades linguísticas da CSH são inúmeras e os estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa em Inclusão e Comunicação Social Háptica (GEPICSH), da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), têm corroborado para estes achados de forma muito significativa.

Quando falamos e analisamos mais a fundo a possibilidade de uma língua tátil, surge a curiosidade de como seria o processo de aquisição de uma língua tátil. Ao se pensar nessa possibilidade, entende-se que o processo de aquisição de linguagem se daria da mesma forma que acontece com as línguas orais, apresentando uma maior ação do córtex parietal, nas regiões responsáveis pela cinestesia (região somatossensorial/propriocepção). As pesquisas voltadas para a aquisição de uma língua tátil ainda são incipientes. Todavia, estudos como o

de Sadato, Pascual-Leone e Schaugh (1998) demonstram, através da análise de fMRI³, que há ativação do lobo parietal (lobos parietais superior/inferior), além de áreas somatossensoriais e visuais, durante leitura tátil (Braille); de Liu, Rapp e Bedny (2023), que evidencia envolvimento específico do córtex parietal posterior e áreas somatossensoriais (propriocepção/cinestesia) em processos ortográficos por via tátil, distinguindo-os de respostas somatossensoriais de baixo nível; e de Burton, Sinclair e Agato (2012) que demonstra respostas maiores nas regiões parietais durante leitura Braille em tarefas de memória de reconhecimento, sustentando o papel parietal em processamento tátil-linguístico.

Os estudos citados demonstram que, quando informações linguísticas são apresentadas através do tato, as áreas parietais junto às somatossensoriais e, muitas vezes, as áreas occipitais se mostram mais ativadas quando comparadas às línguas orais e visuais. Além disso, estudos desenvolvidos no contexto educacional, apontam claramente a possibilidade de uma língua construída através do tato. Mata, Soriano e Oliveira (2021) apontam que a aquisição de uma língua por crianças com surdocegueira exige apoio especializado e condições educacionais favoráveis, ambientes comunicativos multimodais. O estudo evidencia o tato desempenhando o papel central neste processo.

Andrade (2018) afirma que a aquisição de uma língua e/ou linguagem comunicativa em surdocegueira ocorre em múltiplas modalidades (incluindo a tátil), em função das condições de acesso sensorial. Assim como Maio e Freitas (2022), discute trajetórias comunicativas em surdocegueira congênita, com ênfase em modalidades táteis e mediação social no desenvolvimento da linguagem.

Outra contribuição relevante para discussão é o estudo de Carvalho, Fernandes e Montilha (2020), relacionado à área de fonoaudiologia, que demonstra destaque para as vias somatossensoriais como suporte à aquisição de linguagem e à comunicação.

Como podemos perceber, os estudos citados conversam, mesmo que de forma indireta, com as hipóteses aqui levantadas do envolvimento das áreas parietais no processo de aquisição de uma língua tátil. Estudos voltados para a questão da aquisição de linguagem tátil, através de uma visão da neurociência, se fazem necessários para melhor elucidação das hipóteses aqui levantadas.

³ Imagem por Ressonância Magnética Funcional.

6. DUPLA EXCEPCIONALIDADE

A dupla excepcionalidade (2e) é um conceito utilizado para descrever indivíduos que apresentam uma alta performance em uma determinada área, ocorrendo em conjunto com algum transtorno do neurodesenvolvimento e/ou deficiência (Pfeifer, 2013 *apud* Nakano, 2022).

Quando se fala em dupla excepcionalidade, mais comumente a literatura tem se voltado a estudar a associação entre AH/S e quadros de dislexia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, síndrome de Asperger, transtorno de aprendizagem, transtornos do espectro autista, déficits sensoriais, desordens emocionais, deficiências cognitivas que impedem um desenvolvimento adequado (Arizaga; Conejeros-Solar; Rodriguez; Solís, 2016 *apud* Nakano, 2022).

O perfil do indivíduo com 2e é marcado pela existência de duas excepcionalidades que tendem a se extremar. A presença de um transtorno e/ou deficiência dificulta a identificação do perfil de AHSD. Segundo a autora, Nakano (2022), muitas vezes o diagnóstico do transtorno/deficiência tende a mascarar as altas habilidades, retardando a identificação e, em muitos casos, esta identificação não acontece.

A maior parte dos estudos que se tem na atualidade sobre o tema se resume a estudos de casos clínicos. A identificação desse perfil se torna mais complexa, pois, quando se identifica o transtorno/deficiência, não se continua a investigação para entender melhor as habilidades que o indivíduo possui, principalmente quando essas habilidades não se mostram na área acadêmica.

As características dos indivíduos que apresentam dupla excepcionalidade ainda são pouco conhecidas (Taverna, 2019). Segundo Pfeifer (2015), isso se deve ao fato de a maior parte dos conhecimentos no campo da dupla excepcionalidade ser baseada em resultados de estudos conduzidos em amostras clínicas, reduzidas e não representativas. Como consequência, faz-se notar a inexistência de estudos mais amplos voltados à exploração da etiologia, ao curso e à prevalência do quadro (Nakano, 2022, p. 20).

Os indivíduos com 2e geralmente encontram processo interventivo e atendimento educacional especializado para sua deficiência e/ou transtorno, contudo, as AHSD acabam não figurando como foco do processo interventivo e do atendimento educacional suplementar.

7. DUPLA EXCEPCIONALIDADE: AHSD E SURDOCEGUEIRA

A pessoa surdocega tem a sua própria forma de entender e significar o mundo. Essa maneira de entender o mundo sofre influência direta do tipo de comunicação que esse

indivíduo utiliza e as formas como essa comunicação foi construída. Para o presente artigo, trataremos as narrativas de um surdocego, que adquiriu linguagem apenas aos 10 anos de idade.

Para efeitos de preservação da identidade do surdocego, o trataremos aqui através de um nome fictício, apenas para efeito de identificação. Jorge começou o seu processo de aquisição de linguagem tardiamente, e, como já se sabe, quando não há uma linguagem instaurada dentro do período esperado, prejuízos cognitivos acarretam o desenvolvimento do indivíduo. Jorge teve seu primeiro contato com a Libras Tátil aos 10 anos de idade e, posteriormente, na vida adulta, inseriu-se o uso da Comunicação Social Háptica.

Frente a esse dado, percebemos que todo o processo de ensino e aprendizado dele se deu através do tato. O tato é o sentido mais comumente utilizado pelo indivíduo surdocego.

O tocar, na comunicação, remete ao tocar-se, tanto para quem toca na transmissão da informação, tanto para o surdocego que recebe a informação por meio do toque. A pele está intimamente ligada ao sentido sensorial do tato, dentro da imersão de todos os sentidos sensoriais (Vilela, 2020, p. 96).

O processo de aquisição dos conhecimentos perpassa pela experiência do toque e a sensibilidade deste se torna fator primordial no desenvolvimento de qualquer habilidade e no processo de consolidação de qualquer conhecimento.

Jorge demonstrou habilidades para o manuseio com a madeira e, mesmo sem vestígios de memória visual de móveis e carros, tem se mostrado capaz de reproduzi-los como uma riqueza de detalhes incrível. Frente a este desenvolvimento, percebe-se a presença do que Gagné e Guenther (2018) definem como dotação. Da mesma forma que podemos encaixá-lo no anel que Renzulli (1978) define como habilidade acima da média. Abaixo, apresentamos uma narrativa fruto de vídeos gravados durante o preparo do material para confecção das miniaturas.

Elaine: Matheus, Mirtes e eu buscamos material de graça. Como você organiza o material? Essa madeira, como você vai organizar? Separa por etapas, cada madeira em um ponto específico? Me explica, me fala?

Jorge: Essa aqui não, vou deixar aqui, aquelas de lá vou levar para casa.

Essas vou deixar e aquelas vou levar para casa.

(Jorge juntou as madeiras da mesma espessura e altura)

Jorge: vou guardar (levou-as para o outro lado)

(Jorge tocou a parede segurou as madeiras com uma mão e organizou o espaço do chão afastando os objetos ao redor para colocar a madeira no seu lugar. Organizou os objetos ao redor e colocou uma parte atrás das madeiras).

Elaine: Deixa eu ver agora (observei as ações dele) (Relato colhido pelos autores, 2025).

A narrativa acima demonstra o conhecimento de Jorge a respeito de dimensionalidade e espacialidade. É perceptível na narrativa que, mesmo sem ter experiências visuais com a

madeira e sem narrar com a Libras, ele demonstra de maneira corporal sua experiência; ele é capaz de, através da experiência do tato, reconhecer e categorizar as madeiras de acordo com sua espessura e largura. Entendemos que Jorge não possui memória visual do material com o qual está trabalhando, podemos afirmar que esta é uma capacidade natural, logo, pode ser entendida como dotação. “Dotação – designa posse e uso de notável capacidade natural, “aptidão”, em pelo menos um domínio de capacidade humana, a um grau que coloque o indivíduo entre pelos menos os 10% superiores dentro do grupo comparável” (Gagné; Guenther, 2012, p. 21).

Além de se perceber que Jorge possui dotação para o trabalho com a madeira, é notável que essa habilidade é acima da média esperada, diante das limitações oriundas da condição de pessoa surdocega.

A presença da dotação é inquestionável e o desenvolvimento do talento é o grande desafio. Ao tomarmos por base Renzulli (1978), é notória a presença do anel do comprometimento com a tarefa. Jorge fica horas trabalhando em seus projetos e tem planos para quando eles estiverem prontos. É possível perceber isso na seguinte narrativa:

Mirtes: Como que você constrói as coisas?

Jorge: Eu vou explicar. Eu faço caminhão, bancos grandes, bancos pequenos, muitos. Sim, eu fiz.

Mirtes: Por que você fez? E como?

Jorge: Porque as pessoas não conhecem, mas vão conhecer, elas vão comprar, eu não vou dar, eu vou vender e elas vão me dar o dinheiro.

Mirtes: As pessoas vão ver o banco, vão gostar e você vai vender. Você vai dar o banco e elas vão te dar o dinheiro, certo?

Jorge: Certo

Mirtes: E você gosta de dinheiro?

Jorge: Gosto sim, gosto bastante.

Mirtes: Por quê?

Jorge: Vou comprar roupa nova, calça nova, sapato novo.

Mirtes: Que bom, você gosta?

Jorge: Bom, eu gosto.

Mirtes: E mais o quê? Vai viajar?

Jorge: Sim (Relato colhido pelos autores, 2025).

Jorge entende a necessidade de se comprometer com o desempenho de sua tarefa e entende que pode fazer desta atividade uma atividade profissional. Cabe salientar que Jorge nunca realizou um curso de marcenaria e que tudo o que ele faz com a madeira, faz de forma intuitiva e se mostra comprometido com o seu trabalho, podendo passar horas escolhendo as madeiras, fazendo sua separação para, posteriormente, criar suas miniaturas. Há diversas características presentes na pessoa superdotada que se percebe na narrativa de Jorge. Entre elas podemos citar o perfeccionismo, a complexidade de pensamento e a assincronia no perfil de desenvolvimento (Sabatella, 2012).

O anel da criatividade é um dos anéis mais complexos de se identificar quando se está no processo de identificação do perfil de AHSD.

Em importante obra versando sobre a relação entre criatividade e desenvolvimento, Sawyer *et al.* (2003) aponta a visão contemporânea de criatividade: a criatividade é vista como um processo que se desenrola no tempo, ao invés de uma característica estática de indivíduos ou de certos produtos criativos; o produto criativo é novo; o produto criativo emerge da combinação de elementos de um nível inferior que se combinam em sistemas complexos. O que é criado são as combinações em sistemas complexos (Stoltz, 2016, p. 191).

A fala da autora já nos leva a refletir sobre a complexidade que abarca o conceito de criatividade e como ela se manifesta na pessoa com AHSD. No caso de Jorge, o trabalho constante com a madeira afetou a sensibilidade de sua mão, o que seria um empecilho para que ele conseguisse identificar a madeira a ser utilizada através do toque. Jorge passou a utilizar o olfato para identificar a madeira que está utilizando e, dessa forma, conseguir separá-la da maneira correta. A criatividade está intimamente ligada à capacidade de encontrar caminhos que não são os mais comuns, contudo são funcionais. Piaget acreditava que a criatividade está relacionada à capacidade de abstração reflexionante, ou seja, a capacidade que o indivíduo tem, diante de alguma situação, refletir em um nível superior e encontrar soluções que fogem do senso comum (Stoltz; Parrat-Dayán, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das narrativas colhidas e apresentadas neste artigo, conseguimos perceber indicadores da presença de um perfil de AHSD em uma pessoa com surdocegueira. Esses relatos revelaram não apenas aspectos singulares da trajetória desse jovem, mas também evidenciaram a relevância de se compreender a dupla excepcionalidade como campo de estudo ainda pouco explorado.

Constatamos, como pesquisadores, a importância de trazer à luz experiências que conectam a surdocegueira às AHSD, contribuindo para ampliar o debate acadêmico e social sobre a diversidade de perfis e potencialidades humanas. O contato com essa história não apenas enriquece o campo científico, mas também nos transforma pessoal e profissionalmente, instigando-nos a buscar novas formas de compreender, reconhecer e valorizar tais experiências. Principalmente naquilo que tange a identificar a presença das AHSD em pessoas com quadro clínico de transtornos e/ou deficiências.

Ao compartilhar essa experiência, vivida de forma singular por nós, autores e participantes desta pesquisa, esperamos estimular outros pesquisadores e profissionais a aprofundarem investigações sobre a temática, fortalecendo a construção de conhecimento e a visibilidade de sujeitos que, muitas vezes, permanecem invisíveis no cenário educacional e científico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. F. Surdocegueira, cartografia e decolonialidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 3, p. 595–610, 2018. DOI: 10.1590/1982-3703000082018.

BURTON, H.; SINCLAIR, R. J.; AGATO, A. Recognition memory for Braille or spoken words: an fMRI study in early blind. **Brain Research**, v. 1438, p. 22–34, 2012. DOI: 10.1016/j.brainres.2011.12.032.

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; FAULSTICH, E. Expressão linguística e a produção escrita de surdocegos. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**. ISSN: 0104-0944, v. 1, n. 45, p. 108-127, 2016.

CAMPOS, C. R. Dupla Excepcionalidade na surdocegueira. *In*: ROAMA-ALVES, Rauni Jandé; TATIANA DE CÁSSIA, Nakano. **Dupla excepcionalidade: altas habilidades/superdotação nos transtornos neuropsiquiátricos e deficiências**. São Paulo: Vetor, 2021. cap. 11, p. 161-172. ISBN 978-65-86163-88-9.

CANUTO *et al.* **Práticas de Interpretação Tátil e comunicação Háptica para pessoas com surdocegueira**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2019.

CARVALHO, P. H. S.; FERNANDES, A. C.; MONTILHA, R. C. I. O papel da fonoaudiologia na deficiência visual: percepções de profissionais de um serviço de reabilitação. **Revista CEFAC**, v. 22, n. 2, e15619, 2020. DOI: 10.1590/1982-0216/202022215619.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

GAGNÉ, F. **Construindo o Talento a partir da Dotação: breve visão do DMGT 2.0**. Tradução Zenita Guenther (CEDET). Fevereiro, 2009.

GAGNÉ, F.; GUENTHER, Z. C. Desenvolvendo talentos: modelo diferenciado de dotação e talento - DMGT 2.0. *In*: MOREIRA, L. C.; STOLTZ, T. **Altas habilidades/Superdotação, talento, dotação e educação**. Curitiba: Juruá, 2012. cap. 11, p. 161-172. ISBN 978-85-362-3817-3.

LIU, Y.-F.; RAPP, B.; BEDNY, M. Reading Braille by touch recruits posterior parietal cortex. **Journal of Cognitive Neuroscience**, v. 35, n. 10, p. 1593–1616, 2023. DOI: 10.1162/jocn_a_02041.

MAIO, F.; FREITAS, A. P. (Im)Possibilidades comunicativas de uma criança com surdocegueira congênita no contexto de uma instituição especializada. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 28, p. 473–490, 2022. DOI: 10.1590/1980-54702022v28e0010.

MATA, S. P.; SORIANO, K.; OLIVEIRA, J. P. Perspectivas de profissionais sobre a comunicação multimodal no desenvolvimento de um sujeito com surdocegueira. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 27, p. 777–792, 2021. DOI: 10.1590/1980-54702021v27e0003

NAKANO, T. Dupla Excepcionalidade: compreensões iniciais sobre o conceito. *In*: MOREIRA, L. C.; STOLTZ, T. **Altas habilidades/Superdotação, talento, dotação e educação**. Curitiba: Juruá, 2012. cap. 1, p. 15-28. ISBN 978-85-362-3817-3.

ROQUE, J. P. N.; AZEVEDO, A. B. (2025). Comunicação intercultural cinestésica: comunicação social háptica e a inclusão. **Comunicações**, 31(31), 252–277. <https://doi.org/10.15599/2238-121X/comunicacoes.v31n31p252-277>

SABATELLA, M. L. P. Expandir horizontes para compreender alunos superdotados. *In*: MORREIRA, Laura Cerreta; STOLTZ, T. **Altas habilidades/Superdotação, talento, dotação e educação**. Curitiba: Juruá, 2012. p. 112-128. ISBN 978-85-362-3817-3

SADATO, N.; PASCUAL-LEONE, A.; SCHLAUG, Gottfried *et al.* Neural networks for Braille reading by the blind. **Brain**, v. 121, n. 7, p. 1213–1229, 1998. DOI: 10.1093/brain/121.7.121.

STOLTZ, T. Imaginação e a criatividade na educação: a necessidade de outro olhar. *In*: PISKE, F. H. R. *et al.* **Altas habilidades/Superdotação (AH/SD) e criatividade: Identificação e atendimento**. Curitiba: Juruá, 2016. p. 191-206. ISBN 978-85-362-5700-6.

STOLTZ, T.; PARRAT-DAYAN, S. Imaginário criativo e racionalidade: incompatibilidade e compatibilidade. *In*: MOREIRA, L. C.; STOLTZ, T. **Altas habilidades/Superdotação, talento, dotação e educação**. Curitiba: Juruá, 2012. cap. 11, p. 161-172. ISBN 978-85-362-3817-3.

VILELA, E. G. **A Comunicação Social Háptica e suas vias de construção**: narrativas e experiências de guias-intérpretes e pessoas com surdocegueira em processos formativos. Tese (Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

VILELA, E. G. **Surdocegos e os Desafios nos Processos Socioeducativos: os mediadores e a Tecnologia Assistiva**. Dissertação (Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018.